

# Arquivos brasileiros de linguística e filologia

## Elementos Genésicos da Língua Portuguesa<sup>1</sup>

Júlio Ribeiro

A raça italiana, produto vigoroso da fusão de Ligúrios, Sículos, Ilírios, Etruscos, Úmbrios, Latinos e Sabélios foi sempre dotada de um poder incrível de assimilação. Conquistadora em um país, ela impunha aos vencidos seus costumes, suas leis, sua língua, como aconteceu em Espanha, em Portugal, na Gália: vencida, ela enroscava-se aos vencedores, decompunha-os, absorvia-os, como sucedeu com os Lombardos.

Um dos fatores principais desse poder de assimilação relativamente aos vencidos foi o sistema atrozmente perfeito de colonizar seguido pela política romana. A província conquistada era sem demora guarnecida de legiões que, colocadas na fronteira, isolavam-na completamente de toda a influência externa. No interior constituía-se uma administração enérgica que pouco a pouco ia quebrantando as resistências locais. Língua, religião, costumes, tudo isso se tornava obrigatório para os vencidos - ai de quem recalcitrava! — ou era *suprimido* em segredo, ou era vendido como escravo e substituído por colonos e libertos vindos de Roma.

Violento era o modo, porém profícuo: em menos de um século depois da conquista, Gália Transalpina, Gália Cisalpina, Bética, Tarraconense, Lusitania, tudo era romano, tudo falava Latim, mas que Latim, santo Deus! Em comparação dos períodos arredondados e corretos de Cícero, dos hexâmetros maviosíssimos de Virgílio, era uma cousa bárbara, desconexa, horripilante, de

---

1 [Nota do editor] Publicado em **Revista do Brasil**. São Paulo: Typographia a Vapor de Carlos Gerke & C., ano I, n. 9, p. 233-237, 1898. Cabe informar que se trata de uma publicação *post-mortem*, visto que Júlio Ribeiro falecera em 1890. O editor, Carlos Gerke, informa que se trata de um texto até então inédito, razão por que sua nova publicação neste número de *Confluência* reveste-se de especial relevância. Promoveu-se a atualização ortográfica e a supressão de erros óbvios.

que só pode dar ideia o português que falam em nossos mercados quitandeiras africanas e embarcações estrangeiros.

Como acontece sempre e em toda a parte a língua das classes cultas de Roma diferia da das classes iletradas: havia o idioma polido dos patrícios, cadente, sonoro, cheio de helenismos, *sermo nobilis*; e havia o falar áspero da plebe, incorreto, incisivo, profundamente nacional, *sermo plebeius*, *sermo rusticus*.

Os soldados, vindos pela maior parte das baixas camadas sociais, exprimiam-se nessa linguagem. Daí a sua denominação de *verbum castrense*.

Diverso era o léxico de ambos os dizeres: o que o patrício ilustrado, por exemplo, chamava *equus*, *hebdoma*, *juvare*, *duplicare*, *pugna*, o plebeu crasso exprimia por *caballus*, *septimana*, *adjutare*, *duplare*, *battalia*.

Esta linguagem popular não se escrevia: nós dela não teríamos notícia se os gramáticos romanos no-la não tivessem revelado, recomendando que se evitassem por triviais e sórdidas muitas de suas expressões. Assim alguns de entre muitos exemplos:

“*Arvoreta* (AULUS GELLIUS, Noct. Attic. XVII, 2) ignobilis verbum est, arbusta celebratius.” *Arboledo* Espanhol, *Arboreto* Italiano, *Arvoreta*, *Arvoreda* Português.

“*Bambalio* (CICERO, Philipp. III,6) quidam qui propter hæsitantiam linguæ stuporemque cordis cognomen ex contumelia traxerit.” *Bambolo* Italiano, *Bambo*, *Bambalear* Português.

“*Batualia* (ADAMANTIUS MARTYRIUS em CASSIODORO), quæ vulgo battalia dicuntur, exercitationes militum vel gladiatorum significant.” *Batalla* Espanhol, *Battaglia* italiano, *Batalha* Português.

“*Castellum parvum* (FLAVIUS VEGETIUS, *De Art. Mil.*) quem burgum vocant.” *Borgo* Italiano, *Burgo* Espanhol e Português, *Bourg* Francês.

“*Illepidum* (Ausonius) rudem libellum, *burras*, quisquilias ineptiasque.” *Borre* Italiano, *Borras* Espanhol e Português, e também *Burla* do diminutivo *burrula*.

“*Mannus* (ISIDORUS HISPALENSIS, XII, 1, 55) quem vulgo *buricum* vocant.» *Bricco* Italiano, *Borrigo* Espanhol, *Burrigo* e *Jerico* Português, *Bourrique* Francês.

“*Nigriores terras* (LACHMANN, p. 332) invenies, si in *campaniis* fuerit, fines rotundos habentes.” *Campagna* Italiano, *Campanha* Espanhol, *Campanha* Português, *Campagne* Francês.

“*Catax* dicitur (NONIUS) quem nunc *coxonem* vocant.” *Coxo* Espanhol e Português.

“*Ut quiritare* (VARRO, *De Lingua Latina* V, 6, 68) sic jubilar rusticorum.” *Gridare* e *giubilare* Italiano, *Gritar* e *jubilar* Espanhol e Português, *Crier* e *Jubiler* Francês.

“*Ut in singulis* (CICERO, *De Univ.* c. 7) essent bina medie. Vix enim audeo dicere *medietates*.” *Medietá* Italiano, *Mitad* Espanhol, *Metade* Português, *Moitié* Francês.

«*Planæ* (FESTUS, p. 230) dicebantur tabulæ planæ.” *Prancha* Português, *Planche* Francês.

“*Hirudine* (PLINIUS, VIII, 10) quam *sanguisugam* vulgo *cæpise* appellari adverto.” *Sanguisuga* Italiano, *Sanguija* Hesperhol, *Sanguessuga* Português, *Sangsue* Francês.

“*Surregit et sortus* (Festus, p. 297) ponebant antiqui pro *surrexit* et ejus participio, quasi sit *surrectus*.” *Sorto* Italiano, *Surto* Português.

“*Gladios majores* (FLAVIUS VEGETIUS, *De Art. Milit.* II, 15) quos *spatha* vocant.” *Spada* Italiano, *Espada* Espanhol e Português, *Epée* Francês.

“*Taurus* (FESTUS, p. 352 e 353) vaccas steriles appellari ait Verrius quæ non magis pariant quam tauri.” *Toura* Português.

Esse Latim popular banido, ostracizado pelos gramáticos do tempo, tinha em si o gérmen de vida: perpetuou-se nas sete línguas românicas, vive ainda nos *Cuentos* de Trueba, nas *Prigioni* de Pelico, no *Pot-Bouille* de Zola, no *Primo Basílio* de Eça de Queiroz.<sup>2</sup>

Trazido à península hispânica pelos soldados de Cneu e de Públio Cipiã<sup>3</sup>, de Pompeu e de César<sup>4</sup>, e aí consolidado pela ocupação permanente

2 [Nota do editor] Referência às obras *Cuentos del hogar*, do espanhol Antonio de Trueba (1819-1889), *Le mie prigioni*, do italiano Silvio Pellico (1789-1854), *Pot-Bouille*, do francês Émile Zola (1840-1902) e *Primo Basílio*, do português Eça de Queiroz (1845-1900).

3 [Nota do editor] Cneu Cornélio Cipiã Calvo (?-212aC) e Públio Cornélio Cipiã (236aC-183aC), generais romanos que participaram da Segunda Guerra Púnica.

4 [Nota do editor] Cneu Pompeu Magno (106aC-48aC) e Júlio César (100aC-44aC), imperadores romanos que contribuíram para o domínio da Península Ibérica.

que seguiu-se à queda de Numância<sup>5</sup> e à vitória de Cipião Emiliano, o Latim castrense foi suplantando as línguas celtibéricas resultantes da mistura do Gaélico (Céltico) com o Euscara (Vasconço).

As tropas romanas, como acima ficou dito, compunham-se em sua máxima parte de homens rudes e iletrados; mas faziam também parte delas moços patrícios avezados aos refinamentos da linguagem, às sutilezas da retórica: havia oradores provecos, versados na leitura dos modelos clássicos da Grécia, *beaux esprits* que falavam entre si o idioma polido da *curia* e do *forum*, desdenhando a linguagem rude dos broncos legionários.

As saudades das pátrias palestras literárias levaram-nos a criar núcleos de conversação, a fundar escolas em que se aperfeiçoassem, a transplantar para a província a cultura da mãe pátria.

A mocidade nobre do país achegava-se a eles, imitava-os, e, ouvindo as lições dos mestres trazidos de Roma, discutia e poetava em pouco tempo no idioma majestoso do Lácio.

Porcio Latro<sup>6</sup>, os dous Sênecas<sup>7</sup>, Marcial<sup>8</sup>, Columela<sup>9</sup>, Quintiliano<sup>10</sup>, Sílio Itálico<sup>11</sup>, Balbo Gaditano<sup>12</sup>, Trajano Hispalense<sup>13</sup> nasceram na península, aprenderam em suas escolas.

---

5 [Nota do editor] Território dominado pelos celtiberos.

6 [Nota do editor] Marcus Porcius Latro (?-4aC), retórico romano.

7 [Nota do editor] Trata-se de Marco Aneu Sêneca (54aC-39), orador e escritor romano, e seu filho Lúcio Aneu Sêneca (4aC-65), filósofo romano.

8 [Nota do editor] Marco Valério Marcial (38-104), escritor romano.

9 [Nota do editor] Alcinha de Lúcio Júnio Moderato (4-65?), escritor e agrônomo romano.

10 [Nota do editor] Marco Fábio Quintiliano (95 - 35), orador e retórico romano.

11 [Nota do editor] Tibério Cácio Ascônio Sílio Itálico (28-103), poeta, senador e cônsul romano.

12 [Nota do editor] Lúcio Cornélio Balbo (?-?), conhecido como Balbo Gaditano por sua origem em Cádiz, político e cônsul romano.

13 [Nota do editor] Trata-se de Marco Úlpio Nerva Trajano (53-117), o hispano, imperador romano entre 98 e 117.

Horácio chama ao Hero, douto, *peritus Iber*<sup>14</sup>, e Quinto Metelo Pio<sup>15</sup> não se dedignava de prestar ouvido aos poetas cordoveses, se bem que Cícero os achasse redundantes e estrangeirados “pingue quiddam sonantibus atque peregrinum”.

Exatamente como na Itália, exatamente como na Gália, falou-se| na península ibérica Latim nobre e Latim vulgar; exatamente como na Itália, exatamente como na Gália, a língua da plebe triunfou da língua patrícia.

O Latim popular, evoluindo-se, assumiu na Itália, entre outras, as formas maviosíssimas do dialeto toscano, hoje idioma oficial; deu na Gália a cintilante língua francesa; produziu na península ibérica o falar sonoro e majestoso dos Espanhóis e o dizer austero e variado dos Portugueses. Bem pouco resta das línguas que em concorrência vital, foram vencidas pelo Latim na península.

Do Euscara raros são os derivados que não oferecem dúvida. Pode-se apontar:

<i>Alabea</i>	que deu	<i>Aba</i>
<i>Abarquia</i>	“ “	<i>Abarca</i>
<i>Asserracina</i>	“ “	<i>Serrazina</i>
<i>Balsa</i>	“ “	<i>Balsa e Bouça</i>
<i>Beicecorra</i>	“ “	<i>Bezerro</i>
<i>Bizarra</i>	“ “	<i>Biazarro</i>
<i>Criselua</i>	“ “	<i>Grisol</i>
<i>Emandréa</i>	“ “	<i>Mandrião</i>
<i>Ezquerria</i>	“ “	<i>Esquerdo</i>
<i>Murua</i>	“ “	<i>Morro</i>
<i>Charcoa</i>	“ “	<i>Charco</i>

14 [Nota do editor] *Peritus Iber* é o epíteto com que Quinto Horácio Flaco (65aC-8aC), poeta e filósofo romano, designava o rio Ebro. No texto, por provável erro tipográfico, consta *Hero* em vez de *Ebro*.

15 [Nota do editor] Quinto Cecílio Metelo Pio (128aC-63aC), político romano.

## Do Gaélico restam:

Abait, Alauda, Ambactus, Ana, Ango, Arar, Aringa, Aripenis, Bachaudæ, Bardocucullus, Bardus, Baritus, Baro, Beccus, Benna, Betula, Biberriga, Bormanicus, Braccæ, Brace, Briga, Briva, Bulga, Burræ, Camuris, Candetum, Candosoccus, Canthus, Capa, Caracalla, Carpentum, Carrus, Casnar, Cateia, Cecus, Cerevisia, Circius, Clupea, Cocus, Covinus, Crupellarii, Cucullus, Culcitra, Cuniculus, Dercoma, Divona, Druides, Deungus, Dunum, Durius, Dusius, Eglecopala, Emarcum, Eporedica, Erminius, Essedum, Galba, Fansa, Gessatæ, Gessi, Glastrum, Gnatat, Gunia, Gurdus, Guvia, Larix, Leuca, Linnæ, Lugos, Magus, Marga, Marra, Mataris, Mirmillo, Murcus, Pades, Palla, Peninus, Petor, Petoritus, Planarat, Ploxinum, Raphius, Ratis, Rheda, Reno, Sagum, Sapo, Soldurius, Sparus, Saunium, Tameo-brigus, Taramis, Taxea, Toles, Tomentum, Tripetia, Thyreos, Tantamus, Urus, Vargus, Vergobretus, Vertragus, Vettonica, Vindius, Viriatus, Viscus, Volemum, Zythus.

Isto, respingado nos autores latinos de várias idades, acomodado à dicção romana, é o que resta do antigo Gaélico, que bateu e encantou o Euscara na península. Se a esta lista, aliás pouco fecunda em derivados hodiernos, acrescentarmos outra de palavras portuguesas, oriundas provavelmente desse mesmo Gaélico, teremos inventariado tudo o que herdamos dos primitivos invasores.

Eis a segunda lista:

Balaio, Barra, Bater, Brio, Caminho, Cabana, Cambiar, Candial, Caneco, Comba, Drudaria, Gago, Galerno, Gato, Goiva, Lousa, Martelo, Nada, Pote, Touca, Toucinho, Truão, Vassalo, Vereda.

A ação verdadeira dos dialetos célticos na península, bem como na Gália, foi contribuir fortemente para a implantação do Latim: flexionais, arianos, foram esses dialetos que deram o primeiro embate ao falar aglutinante e polissintético dos habitantes anteriores do país, que desbravaram o terreno em que o idioma dos legionários de Roma tinha de afundar raízes para bracejar depois em três vergôntes robustas.

Foi quase insensível a ação do Grego e do Fenício na formação das novas línguas. Uma ou outra palavra grega que existe no fundo popular do português ou do espanhol, *chato*, *tio*, *pajem*, *cara*, por exemplo, foi decerto introduzida nos séculos VI e VII, em que os Bizantinos tiveram relações de comércio e mesmo um certo domínio nas costas do sul da Espanha. *Atum*, mamona, a palavra *barca*, que já se encontra em uma inscrição romana de Tavira, eis tudo a que se reduz o cabedal fênico-púnico das línguas peninsulares.